

RESENHA:
ELEMENTOS DA PEDAGOGIA DA LEITURA

Marcione R. Nunes¹
Simone Padilha²

Recebido em: 07 mar 2017

Aceito em: 29 ago 2017

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 95 páginas.

Elementos da Pedagogia da Leitura, livro de Ezequiel Theodoro da Silva, com introdução de João Wanderley Geraldi, trata do problema ou desafio do desenvolvimento da leitura e do leitor na sala de aula. O livro divide-se em sete capítulos nos quais o autor aborda questões como o lugar em que a leitura ocupa na escola, a conquista da leitura na escola, o desmantelamento da censura a leitura nas escolas, a leitura no ensino da língua portuguesa, a questão da leitura escolar e as suas finalidades e, por fim, a transposição da teoria para a prática da leitura na sala de aula.

O texto reflete sobre a situação da leitura nas escolas brasileiras na década de oitenta. O autor inicia esclarecendo a importância da escola no processo de criação e recriação do conhecimento através da pesquisa e aplicando na sua comunidade como meio de resolver ou amenizar os seus problemas. Posicionado no período em que estávamos em processo de redemocratização, o autor aponta que a leitura em si é encontrada na escola, o difícil é discutir as condições concretas da produção da leitura. Reflete que a leitura, tendo como base o discurso e o bom senso, é um fator importante na escolarização das pessoas (ainda que para muitas pessoas ir à escola seja um sinônimo de aprender a ler e escrever), porém os recursos para a prática da leitura podem vir

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Educação Básica, da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe. E-mail: marcionenunes@yahoo.com.br

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Educação Básica, da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe. E-mail - simonepadi@gmail.com

a contradizer isso. Essa concepção mistificada da palavra escrita leva a pensar no caráter livresco do ensino e nas suas formas autoritárias de apresentação, contribuindo assim para uma “docilização do estudante” (p. 3) levando a pensar no pensamento de Paulo Freire sobre educação bancária. Seguindo essa linha de pensamento, não haveria uma apropriação e uma compreensão das ideias contidas nos textos e portanto a leitura como um fim em si mesma acabaria tornando-se uma simples reprodução de palavras ou trechos, ocorrendo de forma alienada sem que o leitor realize a mediação com o seu contexto.

Silva constata que essa situação infelizmente ocorre de maneira constante nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, colocando assim em segundo plano, sem aparecer, a voz do estudante no texto produzido na escola e estabelecendo-se um círculo vicioso de silêncio onde a única voz que é ouvida é a dos livros. Mas por que isso ocorre? Segundo Silva, isto se deve à falta de uma integração curricular entre as disciplinas que são oferecidas pela escola que despreza as circunstâncias da produção da leitura feita pelos estudantes ao mesmo tempo que coloca uma exorbitância de apostilas e livros para o desenvolvimento das aulas, favorecendo com isso o consumo rápido dos textos sem que haja uma discussão dos pensamentos construídos a partir das leituras efetuadas. Isto leva os professores a tomarem o ato pedagógico como sinônimo de leituras efetuadas, limitando ou desvirtuando o alcance do ato em si. Basicamente, deve-se mostrar ao educando que o livro e a leitura são instrumentos do conhecimento e significam lutar contra o “status quo” e possibilitando a criação de uma nova sociedade. Para que isso ocorra, é preciso construir o conhecimento e levá-lo à prática - isso exige dos professores um vasto repertório de leituras, exige o acesso facilitado aos livros e também que exista coerência nas propostas de ensino através de um trabalho pedagógico bem fundamentado. Para a prática da leitura em sala de aula, é preciso, além de materiais apropriados, o envolvimento das crianças com jogos, brincadeiras e dramatizações. Os alunos precisam ser incentivados a ter contato com textos que levem ao questionamento numa benéfica busca motivada pela curiosidade, estando a leitura no centro de toda essa atividade.

No que diz respeito ao uso das bibliotecas existentes nas escolas ou nas comunidades nas quais estão inseridas, o autor aponta que a busca por cópias reprográficas é maior do que as visitas às bibliotecas, levando assim muitos estudantes a encerrarem suas vidas acadêmicas sem terem

lido um único livro ou sequer tenham entrado em uma biblioteca. Porém, aponta que muitas vezes o recorte de livros coloca-se como “a única saída possível para o desenvolvimento do estudo” (p. 7) devido ao fato de que as bibliotecas escolares não serem uma preocupação política no campo da educação. Outro fator apontado por Silva como incentivador do descaso na busca de fontes de conhecimento se deve ao fato de que são poucos os professores que procuram visitar as bibliotecas com o objetivo de conhecer os seus recursos ou tentam realizar um trabalho em conjunto com os bibliotecários.

Silva questiona ainda onde estaria localizada a lei divina que gerou o suposto pensamento de que um aluno alfabetizado é um aluno leitor. Esse pensamento leva a um jogo de mentiras, pois alunos e professores fingem que entendem as explicações e interpretações de ambas as partes.

Tratando a leitura como um objeto de conquista, Silva questiona o que o professor lê e que acessos eles têm aos livros da sua área de conhecimento. Questiona ainda a quantidade de visitas feitas por eles às bibliotecas ou livrarias, quantos livros ele consegue adquirir buscando um aprimoramento do ensino e pessoal e se sobra tempo para buscar e efetuar as leituras necessárias para que isso aconteça. A questão da existência de bibliotecas escolares e de bibliotecários nas escolas é outro questionamento feito pelo autor, ressaltando que esses questionamentos necessitam de uma análise profunda.

O período ditatorial por qual passávamos contribuiu, segundo Silva, para o empobrecimento do ensino por expropriar dos professores “os seus instrumentos primordiais de trabalho” (p.14). Mas isso não impediu a leitura crítica do mundo por parte dos professores. Silva defende que alunos e professores necessitam ler, uma vez que a leitura é um componente básico da educação (p.16). Os estudantes precisam aprender a ser mais críticos com suas leituras; o livro não pode ser encarado como um “verdade” absoluta - ele precisa ser constantemente questionado e avaliado. Principalmente o livro didático que pode engessar todo o processo de ensino, comprometendo a aprendizagem, tolhendo a criatividade dos alunos. É ainda preciso que se tenha cuidado com o paternalismo presente nos programas de distribuição gratuita de livros. O autor aponta que tais programas são pensados em gabinetes onde não são levadas em conta as particularidades regionais, o que por sua vez acaba se tornando um paliativo que não resolve as questões que a leitura demanda. Nas palavras de Silva, não se forma um leitor

com uma sacola de livros: a leitura vai muito além disso. Ela precisa ser entendida como uma prática social, pois ela permite a participação na vida e sociedade.

Uma leitura, para ser desenvolvida em uma sociedade, não pode conviver com a censura. O autor constata que o desenvolvimento da leitura sofre com a censura, inclusive questiona a quem interessa ou de onde vem a censura presente em nossa sociedade. Sabemos, assim como afirma Silva, que a censura é um elemento de um Estado opressor que não aceita ser contestado. O irônico é que o livro foi escrito em período em que estávamos saindo de um momento triste de nossa história, tentando instaurar a democracia e hoje passamos por um momento conturbado onde vemos o retorno e o crescimento de um pensamento que era combatido naquele período. Parece que não aprendemos nada com a nossa história. O pensamento de Virgínia Woolf sobre como ler um livro apresentado por Silva nos parece ser o mais adequado sobre a construção da figura do leitor. O contraponto feito pelo autor sobre o pensamento de Virgínia Woolf é o de que infelizmente para se adequar às recomendações impostas pelo governo os livros didáticos deixaram de expressar a realidade. Por vivermos um período onde nossos direitos individuais foram suprimidos, criamos uma geração de professores não questionadores e Silva apresenta uma experiência vivida por ele neste sentido quando, participando de um seminário, levanta um questionamento e obteve em primeiro momento o silêncio como resposta.

Encontros com professores levantaram uma série de questionamentos sobre o processo de construção da leitura que levaram à constatação da existência de diversos estereótipos sobre a mesma. As constatações de Silva levam a um pensamento lombrosiano onde o leitor já nasceria pronto, deixando de lado a questão de que a leitura é uma prática social. Seguindo essa linha de pensamento, então os problemas de leitura estariam nos métodos de alfabetização. Porém, o problema não está no método em si, mas sim no uso que o professor faz dele. Outro problema apontado pelo autor é o de que os professores não levam em conta que processo de formação do leitor está vinculado às características físicas e sociais do contexto familiar, colocando todos no mesmo patamar de oportunidades e fazendo voltar novamente a questão de que o gosto pela leitura já nasce com as crianças. Neste sentido, Silva questiona que se seguirmos esta linha de pensamento então pobre não lê, haja visto

que o gosto pela leitura estaria presente nas famílias economicamente favorecidas.

Para Silva, o leitor pode ser formado a qualquer momento e o texto não deve ser um fator limitador, mas sim uma abertura para o mundo. Uma janela sempre aberta, nas suas palavras. Para isso acontecer, Silva coloca que a televisão não pode ser descartada, pois assisti-la implica em realizar um certo tipo de leitura. Uma leitura crítica onde os estudantes percebam o conteúdo muitas vezes alienante dos programas televisivos. Essa forma alienante de leitura leva o autor a discutir a questão das fichas de leitura onde faz uma crítica a forma como elas são apresentadas deixando bem claro que as técnicas de fichamento não são ruins (p. 49), o problema está na padronização que é feito pelos livros didáticos que já trazem prontas fichas de leituras, deixando de lado a construção das mesmas pelo leitor. Nesse sentido, o leitor é levado a realizar uma leitura dinâmica, otimizando assim o seu tempo de leitura a fim de ler uma maior quantidade de textos lidos. Contudo, esse dinamismo na leitura precisa ser contextualizado para ter um sentido, uma vez que alguns textos são mais complexos que outros – isto no sentido de que se possa interpretar e compreender o texto (compreensão é projeto; interpretação é processo). O desgosto pela leitura tem que fazer os professores mudarem de posição, acordando desse longo sono e parar de reproduzir a alienação. O leitor não nasce feito, não é o método de alfabetização que faz o leitor, mas o uso que o professor faz do método.

Ezequiel Theodoro da Silva nos apresenta uma visão dos problemas enfrentados na construção da figura do leitor. Ao longo do livro vemos questões que nos dias atuais ainda desafiam os professores. Após três décadas do fim do triste período ditatorial pelo qual passamos, continuamos utilizando o livro didático com fichas de leitura prontas, continuamos achando que “ser” leitor é uma questão de berço, continuamos censurando a forma como os nossos estudantes devem ler em vez de permitirmos que façam as suas leituras e interpretações próprias. O autor defende medidas que rompam com a forma com que se trabalha o texto em sala de aula. Que a formação dos leitores deve ser feita para formar um cidadão crítico que percebe, através dos textos, os problemas da sociedade que o cerca.

Elementos da Pedagogia da Leitura é um livro que nos faz refletir sobre a formação do leitor. Mostra também que, infelizmente,

continuamos repetindo os mesmos erros do período em que foi escrito e, o que é pior ainda, em alguns casos retomamos antigas fórmulas mágicas que comprovadamente não deram certo e que só forçam a dar não um, mas vários passos para trás.

**RESUMOS DE DISSERTAÇÕES –
PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM
DESENVOLVIMENTO E SOCIEDADE**

